

A SIGNIFICAÇÃO DO MANUAL DE REDAÇÃO JORNALÍSTICO, POR MEIO DO CONCEITO DE ESTRANGEIRISMOS, NO CURSO DE JORNALISMO

Vitor Sergio de ALMEIDA¹
UFU

Gustavo Araújo BATISTA²
UNIUBE

RESUMO

Este trabalho tem como enfoque primordial a descrição e análise de três manuais de redação e estilo, Manual da redação. Logo, a abrangência é levar tal reflexão para os cursos de comunicação (jornalismo) das instituições superiores e para os profissionais (redatores, repórteres, editores, revisores) que atuam (ou não) em veículos de informação cujas obras são referenciais teóricos e que devem pontuar suas produções escritas, ou seja, analisar como todos que atuam com a prática textual relacionada com a propagação de informação se relacionam com o manual. Desta maneira, por meio desse estudo, visa-se também descobrir se os próprios segmentos do grupo Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e O Globo seguem as suas próprias recomendações, tomando por base o uso de siglas e estrangeirismos dos seus manuais.

Sabe-se que o manual é uma obra com dicas, regras e sistematização do manuseio da língua – portuguesa – escrita com o princípio de informar ao leitor. Em outras palavras, trata-se de um conjunto de normas estipuladas por editoriais de muitos meios da imprensa brasileira para padronizar – respeitando as regras da língua portuguesa – e facilitar o cotidiano das construções jornalísticas dos veículos de comunicação. Enfim, essas normas internas – com características peculiares – visam oferecer as técnicas elementares, os jargões básicos, os conceitos imprescindíveis usados dentro da profissão, com o intuito de uniformizar e nortear a atividade redacional. Sabendo disso, nesse relato entende-se que as normas são conveniências

¹Graduação nos cursos de Letras e Jornalismo; Especialização em Docência; Mestrado em Educação e doutorando em Educação. Professor do Ensino Fundamental, Médio, Superior, Preparatório para concursos. Endereço eletrônico: vitor_sergio@hotmail.com.

²Graduação nas áreas de Letras e de Filosofia; Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado na área de Educação. Professor do Ensino Superior (Graduação e Pós-Graduação *StrictoSensu*), desenvolvendo pesquisas concentradas nas relações entre educação e filosofia. Endereço eletrônico: mrgugaster@gmail.com.

– do meio comunicacional, das editoriais sem a interferência do Estado – que podem ou não fazerem parte do conteúdo – obrigatório – imposto na grade curricular das instituições, com a participação do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

No Brasil, há muitos (mini)manuais, livros que contém dicas e normatização da língua portuguesa para o meio comunicacional, mas três que se destacam bastante são os da Folha de São Paulo, do Estado de São Paulo e do O Globo. Esses não se tornam verdadeiras “ferramentas” apenas para os seus funcionários, ainda orientam estudantes e profissionais – de áreas afins, de outros jornais e diversos veículos.

O manual da Folha de São Paulo foi criado em 1984 e atualmente está na edição de 2011, número 17, totalmente em língua portuguesa, com 392 páginas, formato: 16,5 cm por 21,3 cm (largura - altura), impresso em Offset 90g/m, quatro por quatro cores, brochura, com peso de 695 gramas, registrado no International Standard Book Number (ISBN) com sendo 978-85-7402-262-8 e no ISBN³-13: 978-85-7402-262-8.

Mesmo trazendo uma “série de anexos (gramatical, jurídico, médico e outros) cujo objetivo é oferecer ao público uma obra de referência – concisa, porém abrangente – e ao mesmo tempo dar subsídios à atividade jornalística”, destaca-se que não há a pretensão de desvalorizar e ou substituir a gramática, por exemplo. Vale ressaltar que todos os manuais se baseiam nas tradicionais gramáticas e são aprimoramentos e compêndios para o cotidiano editorial.

O Manual de Redação do Estado de São Paulo foi lançado em 1997, totalmente redigido em idioma português, está em sua terceira edição, em papel brochura, possuindo 400 páginas, o seu ISBN é 8516016692, ISBN-13: 9788516016692.

Destaca-se que os exemplos citados no manual utilizados são do meio jornalístico, o que valoriza e reporta ao trabalho diário dos redatores. Evidencia-se também duas passagens: a que trata do intuito principal da obra, que é ser usado pelos colaboradores do grupo, isso “de modo ordenado e sistemático” (ideia usada nos outros dois manuais e que se torna um quesito essencial) e a outra marca expõe que o livro pode ser útil para aqueles que buscam as “principais” noções acerca do uso do idioma (reparando que não se utilizou “todas” ou “teorizadas” ou “sempre exemplificadas”, como deve ocorrer em uma boa gramática).

Já o manual O Globo, publicado pela editora de mesmo nome, está na edição de número 23, também escrito totalmente em língua portuguesa, ele possui 246 páginas,

³ISBN é um sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição. O sistema é controlado pela Agência Internacional do ISBN, que orienta e delega poderes às agências nacionais. No Brasil, a Fundação Biblioteca Nacional representa a Agência Brasileira coordena o processo de atribuição do número de identificação aos livros editados no país.

acabamento em brochura, formato: 14 por 21 cm e está inscrito no ISBN com o número 8525010995.

Ressalta-se a serventia do manual no ensino, em aulas acerca das modalidades textuais informativas, nas instituições de ensino superior, pois, nessas ocasiões, torna-se interessante ler e ou explicar os parâmetros – base de consulta ou referência – e esses passam a ser os manuais que se tornam referências para os alunos.

Evidencia-se que, em alguns casos, a definição contida nesse livro de normas propõe apenas uma possibilidade de uso de determinada estrutura – habitualmente não aprofunda na discussão teórica, expõe apenas o que é adequado⁴ ou inadequado, explicação prática e teórica que cabe à gramática. Em suma, o manual não busca cercear a criatividade nem impor limites em se tratando de talento para os editores, repórteres, redatores, professores, alunos e jornalistas. Desse modo, torna-se importante não confundir “definir princípios que tornem uniforme os aspectos jornalísticos” com inibição ou censura a imaginação. Para ratificar tal ideia expressa, resgata-se os dizeres expressos no prefácio do Manual da PUCRS,

A julgar por sua especificidade, poder-se-ia concluir apressadamente que os manuais ensinam a escrever aos que se encontram no efetivo exercício desta atividade ou a todos quantos aspiram a exercê-la. Na verdade, sua contribuição, bem como o domínio dos conteúdos neles abordados devem ser relativizados, pois a competência lingüística, a competência comunicativa na produção textual implica outras variáveis que ultrapassam os domínios normativos, prescritivos, os domínios do que se aprende na maioria das vezes nos livros, no ensino formal - regras de grafia, acento indicativo de crase, pontuação, concordância, regência, colocação, etc.

Fique claro, pois, que o fato de um texto se apresentar com correção gramatical - e os manuais contribuem para tanto - não significa que esteja bem redigido. Dito de outro modo, deve-se sublinhar que a correção gramatical é um dos requisitos básicos do texto, espécie de credencial ou cartão de apresentação pessoal de seu emissor; mas isso, por si só, não basta. (SCARTON e SMITH, 2002, p.2).

Tal produção ainda serve para divulgar e pautar a evolução das redações e o comportamento do escritor dentro de uma sociedade, que necessita e cobra cada vez mais de uma formação sólida e discursiva do profissional. E, tudo isso, sem esquecer-se da concisão, da clareza e da objetividade, que conforme consta no manual de redação da Presidência da República, Brasil (2002, p.13)

[...] é antes uma qualidade do que uma característica do texto oficial. Conciso é o texto que consegue transmitir um máximo de informações com um mínimo de palavras. Para que se redija com essa qualidade, é fundamental que se tenha, além de conhecimento do assunto sobre o qual se

⁴O termo “adequado” não implica em uma verdade absoluta, ou no certo ou consolidado. Tal expressão indica que é algo oportuno (pontual, usual e cabível) para a ocasião e para o interlocutor.

escreve, o necessário tempo para revisar o texto depois de pronto. É nessa releitura que muitas vezes se percebem eventuais redundâncias ou repetições desnecessárias de ideias.

O esforço de sermos concisos atende, basicamente ao princípio de *economia linguística*, à mencionada fórmula de empregar o mínimo de palavras para informar o máximo. Não se deve de forma alguma entendê-la como *economia de pensamento*, isto é, não se devem eliminar passagens substanciais do texto no afã de reduzi-lo em tamanho. Trata-se exclusivamente de cortar palavras inúteis, redundâncias, passagens que nada acrescentem ao que já foi dito.

Da clareza, no referido documento, tem-se que

[...] deve ser a qualidade básica de todo texto oficial, conforme já sublinhado na introdução deste capítulo. Pode-se definir como claro aquele texto que possibilita imediata compreensão pelo leitor.

E da objetividade, que se trata de redigir de modo objetivo é ir direto ao ponto, expor diretamente e obviamente; sem rodear ou rebuscar as ideias, ou seja, deve ser preciso, usar poucas palavras, mas sem perder a essência do conteúdo.

Então, concisão, clareza e objetividade são três características que facilitam o uso da linguagem escrita por parte dos redatores e dos que leem tais textos, independente da escolaridade ou especialização.

Esses manuais são tão importantes, que sintetizam a relação empresa-cliente, como se verifica no estudo do Instituto Gutenberg (1995, p. 3) “o manual de redação é um contrato que os jornais firmam com seus leitores – sobretudo quando milhares de exemplares são vendidos em livrarias para que o público possa saber com que regras o jornal se faz”. E eles não se limitam apenas a explicar o manuseio das regras gramaticais e a tentar a padronização, visam também definir conceitos, evitar polêmicas dentro das redações e propiciar ao profissional da comunicação escrita mais noções de produção textual e técnica. Principalmente em uma época em que o uso de notícias como fonte de pesquisa da língua portuguesa contemporânea é enorme – como acontece indiretamente⁵ com esse projeto.

Pensando na última resposta, vale ressaltar que há ressalvas e pedidos de cuidado em relação à aplicação desses livros, Carvalho (1998) aponta que:

Os manuais deveriam ater-se, o quanto possível, a aspectos exteriores e ‘materiais’ da escrita, como ortografia, abreviaturas, padronização de nomes, evitando pontificar sobre estilo ou, pelo menos, opinando nisto com extremo cuidado e tão somente em nome da conveniência utilitária [...].

Elementos grafos

⁵ Vale frisar que o foco não é centrar os estudos na forma, na ideologia, na tipologia das notícias; no máximo usá-las para exemplificar a condução técnica trabalhada nos manuais e nos cursos de jornalismo.

Nesse artigo, entende-se que todas as expressões e verbetes tornam-se registros comunicacionais de manifestação e informação – neste caso, formas escritas –, ou seja, são as particularidades redacionais necessárias para uma produção redacional eficaz. Diante disso, tais expressões (verbetes) tratam do ato de redigir de modo claro e conciso para facilitar o entendimento e a interpretação do leitor. Enfatizando que neste caso o foco de análise cabe aos estrangeirismos.

Elementos Grafos - Estrangeiros

Há diversas definições para “estrangeiro”, assim, basear-se-á no uso da linguagem, frases ou termos provindos de outro idioma dentro de um ambiente, que possui a sua língua nativa. O estrangeirismo pode ser conceituado em duas categorias: com aportuguesamento, ou seja, a grafia e a pronúncia da palavra são adaptadas para o português. Exemplos: gol (do inglês *goal*), ringue (do inglês *ring*), abajur (do francês *abatjour*), muçarela (do italiano *mozzarella*); a escrita e a fala não sofrem o aportuguesamento: conserva-se a forma original da palavra. Exemplos: mouse (do inglês *mouse*), show (do inglês *show*), etc (do latim *etc*), pizza (do italiano *pizza*). Faraco (2001, p.38) afirma que:

Entende-se por estrangeirismos o uso de palavras e expressões de línguas estrangeiras utilizadas cotidianamente em um país onde a língua oficial é outra, como no caso do Brasil, o uso do inglês, francês, espanhol, etc ‘misturado’ com a Língua Portuguesa.

Evidencia-se que tal interferência pode apresentar diversos pontos de vistas, pois há os termos estrangeiros que vem para preencherem espaços em que a língua original não possui correspondente ou que este é pouco usado ou conhecido. Dessa forma, o empréstimo estrangeirismo é benéfico e se torna um instrumento importante para a evolução comunicacional, cultural e até mercadológica. Enfim, o português mesclado com outros idiomas trata-seda soma da dinâmica cultural, que resulta do convívio entre os povos.

Também existem aqueles termos que possuem uma tradução para o idioma local, e mesmo assim são utilizados, ou seja, nem sempre a utilização de termos estrangeiros na língua mãe acontece em função da inexistência de palavras adequadas. E esse uso acontece por várias questões, dentre elas: mercadológica, política, modismo, influência cultural, econômica. Com isso, o uso indiscriminado e a simples mistura de línguas sem um objetivo claro, pode ser prejudicial ao ato comunicacional e até propiciar a perda de identidade cultural e incorrer na possibilidade de exclusão.

Assim, por meio desse relato, observa-se que os três manuais versam sobre estrangeirismo: No Manual da Folha, na página 332, há parte denominada “Principais estrangeirismos Grafia adotada pela Folha e origem”, há uma conveniente explicação:

Faz parte da evolução natural da língua incorporar palavras estrangeiras. Entretanto, o uso excessivo de estrangeirismos, muitas vezes desnecessários, torna o texto pedante, quando não incompreensível (FOLHA DE SÃO PAULO, 2006, p.332).

Entre as páginas 332 e 335 – parte denominada “Anexo” –, há um excelente serviço prestado aos leitores do manual, pois tem-se uma lista – em ordem alfabética – de vários termos de origem estrangeira recorrentes no Brasil, expondo aqueles que já foram ou que podem ser considerados aportuguesados e os que devem ser evitados, ainda mostrando a origem deles – latina, grega, inglesa, francesa, alemã, japonesa.

Destaca-se a seguinte explicação:

Termos de origem estrangeiras que já estão aportuguesados aparecem sem aspas nesta lista. Não se fazem restrições ao seu uso. O mesmo vale para palavras que, embora mantenham a sua grafia original, já podem ser tidas como incorporadas à linguagem cotidiana. Os termos registrados entre aspas devem ser evitados (FOLHA DE SÃO PAULO, 2006, p.332).

Alguns exemplos são: “affair” (francês), a “priori” (latim), “bijuteria” (francês), “caubói” (inglês), “copy” (inglês), “feedback” (inglês), “internet” (inglês), “marketing” (inglês), “training” (inglês), “vodka” (russo).

Na página 67 do mesmo manual há uma explicação sobre o uso com uma recomendação: “certos estrangeirismos podem dificultar a compreensão do assunto, constituir clichês ou soar de maneira pedante”. Ainda, aconselha-se a preferir expressões da língua nativa diante do estrangeirismo e cita três casos, dentre eles: “**estréia**, e não ‘**preview**’; **personalizar** e não ‘**customizar**’” (grifos dele). Mas, constatada-se que esta determinação não é aplicada dentro dos diversos segmentos desse veículo de comunicação, pois, na internet – em www.folhaonline.com.br – as recomendações e regras não são realizadas, como se comprova com os dois termos citados anteriormente, ou seja, as próprias palavras estrangeiras, que são utilizadas como exemplos no manual, aparecem nos textos do portal da Folha.

Com nove novos estilistas, Fashion Week começa dia 27 de janeiro. Um **preview** da mostra "Tripoli - 40 Anos de Fotografia", que deve estrear em abril, é uma das atrações paralelas. (o grifo é meu). (FOLHA ONLINE. Publicado em: 16 Jan. 2003).

Aos 91, Jamelão canta ao vivo no desfile da Poko Pano. Antes do início do desfile, as "celebridades" foram convidadas a **customizar** biquínis. Com cestas repletas de fitas e botões, funcionários da marca pediram que os artistas criassem sua própria peça [...] (FOLHA ONLINE. Publicado em: 26 jun. 2005). (o grifo é meu).

Já no segmento impresso, também ocorre o mesmo erro de aplicação, exemplificando o termo “stores” (“loja” em inglês), no jornal do dia 27 de outubro de 2007 (sábado), no suplemento “Vitrine”, na reportagem “Belo Horizonte – Os endereços preferidos de Ronaldo Fraga” [...] “Na contramão das megastores do ramo [...]”.

Continuando, o manual ainda relata que se não existir a tradução correta ou quando a fala estrangeira for consagrada, utiliza-a sem aspas. E mais, em casos em que há obrigação de uso de um termo estrangeiro desconhecido, esse tem que ser rodeado entre aspas e possuir em seguida uma explicação. E, para melhorar a explanação e, conseqüentemente, facilitar o entendimento do leitor, há o exemplo de “**spread**, taxa de risco nos empréstimos internacionais” (grifos dele).

A seguir, aparecem dois textos que mostram a maneira adequada e a inadequada de se tratar o próprio vocábulo “spread”.

Vale já refinanciou 84% do empréstimo bilionário para compra da Inço. Os bônus com vencimento em janeiro de 2017, no valor de US\$ 1,25 bilhão, possuem cupom de 6,25% ao ano, pago semestralmente, e foram emitidas com rendimento para o investidor de 6,346% ao ano, resultando em **spread** de 168 pontos base sobre o retorno dos títulos do Tesouro dos EUA (FOLHA ONLINE. Publicado em: 22 dez. 2006). (o grifo é meu).

Repare que o exemplo acima não tem aspas, muito menos a explicação posterior. Já na exemplificação seguinte há o uso recomendado, isto é, com a explicação logo após o vocábulo.

Governo quer conta salário obrigatória. [...] o governo acredita que reduzirá o custo dos bancos e, portanto, abrirá espaço para a redução do “**spread**” (a diferença entre o custo de captação do banco e o valor cobrado dos clientes) (FOLHA DE SÃO PAULO, Publicado em: 26 ago. 2006). (os grifos são meus).

Também, evidencia-se o manuseio de estrangeirismos desconhecidos, sempre os explicando, como acontece com a expressão *lato sensu* em “[...] a entidade dá cursos de pós-graduação **lato sensu** (popularmente chamados de especialização)” – da matéria “Conselho aperta cerco ao grupo da medicina estética”, publicada em 25 de março de 2011, no FolhaUOL – e de “izakaya” (japonês), na reportagem “Incentivo, **chef** Kanashiro volta à cena” de 25 de janeiro de 2012 (quarta-feira) apareceu explicada depois do seu uso: “O lugar foi anunciado como um **izakaya** – um bar de **saquê** (e outras bebidas), onde costuma haver petiscos e pequenos pratos para amenizar os níveis etílicos” (o grifo é meu). Nos dois casos as expressões foram explicadas, mas não estão entre aspas. O curioso é que no segundo exemplo, o pequeno parágrafo onde o termo apareceu tem, no fragmento original do jornal, seis linhas e cinco foram usadas para a explicação.

Outro fato destacável é que na última citação mencionada há dois termos aportuguesados e que estão usados segundo os preceitos da Folha: *chef* (coordenador e ou preparador de alimentos em restaurantes – do francês) e *saquê* (bebida – do japonês). Como também ocorre com a palavra *e-mail* em “O que escrever nesse e-mail é dúvida de candidatos [...]”, publicado no jornal de 28 de outubro de 2007 (domingo), na matéria intitulada “Informação no e-mail deve ser escolhida para ter efeito positivo”. Evidencia-se que nesses três últimos casos, por se tratar de termos aportuguesados, não há necessidade de grafia especial; o que foi – repetindo – respeitado pelos redatores nos trechos destinados a essa temática no manual.

Assim, conclui-se que muitos profissionais da Folha aceitam e utilizam o padrão editorial do estrangeirismo, entretanto há muitas explicações que não seguem ou são espelhadas nos manuais, provando que há redatores que não conhecem ou seguem a linha editorial técnica em que trabalha.

No Manual do grupo Globo (entre indicação de uso e relação de termos há oito páginas sobre estrangeirismo) não há ressalvas ou recomendações, inicia-se mencionado que os termos – substantivos – estrangeiros devem ser grafados em negrito no corpo do texto e dentro de aspas em títulos (mas, não existe nenhum exemplo, diferente da Folha e do Estadão).

Porém, encontram-se facilmente substantivos estrangeiros em www.globo.com no corpo do texto e sem o negrito; como se observa com o uso das palavras inglesas *trainne* (que seria “estagiário”) e *round* (que pode ser traduzida por “batida”, “encontro”, dentre outras).

RIO - A Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação (ABBR) está com inscrições abertas para programa de estágio e de **trainne** nas áreas de fisioterapia, serviço social, psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional e pedagogia, para início no segundo semestre deste ano (O GLOBO, Publicado em: 11 mai. 2010). (o grifo é meu).

Furacão x Vasco: primeiro round em Curitiba. O primeiro **round** será na Arena da Baixada, em Curitiba. As equipes farão o jogo de volta no dia 12 de setembro, em São Januário(GLOBOESPORTE. Publicado em:14 ago. 2007). (o grifo é meu).

Outra diferença com os outros dois manuais está no manuseio de termos especializados, esses não devem ser destacados em cadernos ou textos especializados, mas recebem um destaque – não informando qual seria – quando são apresentados em matérias gerais. Ainda foi mencionado o aportuguesamento ou não de nomes de cidades, regiões e países, citando como uso “arbitrário” e adequado de “Nova Jersey”, “Nova Orleans”, “Nova York” – expressões escritas com um termo em português e outro em inglês –, nomes muito encontrados em noticiários internacionais, como no jornal de 29 de dezembro de 2012

(quinta-feira), na matéria “Eleitores latinos reprovam política de deportação do governo Obama”: “Nova York. A maioria dos latinos residentes nos EUA desaprova a política de deportações de imigrantes [...]”.

E por fim, no O Globo (2005, p.206) lê-se

[...] palavras e expressões frequentemente vitimadas por erros de tradução, grafia ou uso. Termos em outros idiomas só devem ser empregados quando não houver palavra em português que exprima adequadamente o que se quer dizer. A tradução, entre parênteses e entre aspas, é indispensável.

Cujos exemplos são: “‘box’ – [...] para pugilismo, usa-se a palavra portuguesa *boxe*”, “‘container’ – recipiente de carga. Existe em português ‘*contêiner*’, plural ‘*contêineres*’”, “‘Flat’ – ‘Apartamento’, em inglês dos ingleses; os americanos (SIC!) usam ‘*apartment*’. Não há razões para se usar qualquer das duas expressões”.

Verifica-se que há o uso dos termos recomendados: “Lutador de **boxe** canadense é achado morto em **flat** em Porto de Galinhas, em Pernambuco”, (o grifo é meu) em matéria com o mesmo título, publicada em onze de julho de 2010, no *globo.com*. No caso de “container” ou “contêiner” se encontra dos dois modos: “Grades e **contêiner** atravessam o caminho no Sambódromo”, (o grifo é meu) em matéria com o mesmo título, publicada em 13 de fevereiro de 2012, no *globo.com* e “**Container** tomba num dos acessos à Linha Amarela”, (o grifo é meu) em matéria com o mesmo título, publicada em oito de abril de 2010, no *oglobo.com*.

Conclui-se que, como ocorre com os profissionais ligados ao grupo Folha, os redatores do O Globo aceitam e seguem, em muitos casos, a cartilha do manual interno, contudo há bastante a ser melhorado e seguido para se ter uma linha editorial coesa.

No Estado (as explicações e dicas de uso sobre estrangeirismo estão nas páginas 209 e 210), no início – como o manual da Folha e diferente do O Globo – há recomendações; e ainda há delimitações acerca das expressões estrangeiras “a palavra estrangeira, em sua forma original, só deverá ser usada quando for absolutamente indispensável” e se pede para explicá-las entre parênteses. Mais a frente há o reforço: “Não empregue no idioma original palavra que já esteja aportuguesada” e cita “uísque e não whisky; [...] caratê e não Karatê; [...] tarô e não tarot”. Mas, ao pesquisar em *www.estadao.com.br*, percebe-se claramente, que alguns repórteres usam esses termos, inclusive os que serviram de exemplificação, como *whisky*, *karatê* e *tarot*. Observe:

O que importa é ver a corrida. Paixão pelo automobilismo faz fãs assistirem ao GP do Brasil na laje de uma casa ou no luxo do hospitaly centre. (...) Mas a principal atração não é o sofisticado bufê do brunch, com queijos importados e salmão defumado, oito tipos de sobremesas mais vinhos,

whisky ou champanhe à vontade, nem a localização do mezanino que dá visão para a pista e os paddocks (ESTADAO ONLINE. Publicado em: 22 out. 2007). (o grifo é meu).

Como curar o joelho treinando. Equipe multidisciplinar realiza diagnóstico para atletas, amadores ou profissionais, e alia tratamento dos trigger points com fortalecimento muscular, para uma recuperação eficaz. Em vez de operar o joelho doente, Siqueira, o boleiro de fim de semana e ex-atleta de competição de **karatê** (esporte que pratica desde menino e do qual já foi campeão paulista)(ESTADAO ONLINE. Publicado em:20 mar. 2007). (o grifo é meu).

Cientista britânico ataca astrologia em série de TV. Richard Dawkins desmonta crenças em temas como mediunidade e homeopatia. Ele agora aponta sua artilharia contra o que considera superstições e pseudo-ciência: de astrologia a mediunidade, de homeopatia a cartas **tarot**(BBC. Publicado em:14 ago. 2007). (o grifo é meu).

E até palavras tidas como inadequadas, pois há um equivalente, aparecem em textos da agência Estado, como é o caso de “rush” – trânsito intenso. Veja:

[...]

Em plena hora do **rush**, a Avenida Paulista também ficou alagada na altura da Rua Bela Cintra, região dos Jardins, zona sul. No Itaim-Bibi, também na zona sul, a Avenida Juscelino Kubitschek alagou por volta das 18h20 e continuava assim até as 20h. Na zona norte, a região de Perus ficou em estado de alerta (ESTADAO ONLINE. Publicado em:18 fev. 2012). (o grifo é meu).

Como acontece no manual da Folha, se a expressão não possuir a tradução ou quando a expressão nativa for pouco usada, ela deve ser usada, mas (diferente da Folha e do Globo) sem destaque ou aspas, como acontece com a expressão “déjàvu” no impresso do dia 18 de fevereiro de 2012 (sábado), no texto “Realismo brutal de war witch”: “Com elementos de dois filmes vencedores do Urso de Ouro, o concorrente canadense/africano arrisca-se a ser considerado déjàvu pelo júri [...]”.

A conclusão é a mesma das duas análises anteriores, ou seja, há redatores que seguem as explicações do manual, no entanto, existem casos em que os escritores não têm nenhum embasamento ou coerência com a linha editorial.

Considerações finais

Assim, acredita-se que o manual é uma boa base de consulta, de exemplificação, de padronização para os graduandos em jornalismo, logo tem o seu valor como ferramenta de ensino, contudo não pode ser encarado como um instrumento de ensino que implica em conhecimento pronto e definitivo, nem deve ser classificado ou usado como uma única fonte de análise.

Deve-se fornecer aprendizagem (informação) pelo contato direto (por todos os sentidos para ofertar “direitos iguais” para todos os alunos, sem privilegiar um ou outro contato), assim, o estudante sempre terá acesso fácil às várias informações disseminadas e poderá ter uma participação mais ativa no processo de ensinamento, pois a grande aprendizagem ocorre "dentro" do "eu", do próprio "ser". Assim, verifica-se a necessidade daquilo que o professor ensina, mexa com interior (sentidos), transforme, modifique o dia a dia intelectual e comportamental do discente. Desse modo, o que prevalece verdadeiramente é a aprendizagem (com motivação, que pode se acontecer de diversas formas, como foi mostrado na resposta anterior), que tem aplicação prática e ou que o instigou a reflexão naquele momento ou depois com a maturidade (experiência). De certo modo, deve-se pensar também na perspectiva de Bourdieu (1983, p.64) que situa o indivíduo no universo particular, embora o universo social esteja ao mesmo tempo inscrito no nele:

[...] é preciso abandonar todas as teorias que tomam explícita ou implicitamente a prática como uma reação mecânica, diretamente determinada pelas condições antecedentes e inteiramente redutível ao funcionamento mecânico de esquemas preestabelecidos, “modelos”, “normas”, ou “papéis”, que deveríamos, aliás, supor que são em número infinito, como o são as configurações fortuitas dos estímulos capazes de desencadeá-los.

Ao trabalhar com um ou com vários manuais, o professor deve deixar claro para o aluno que há diversas tendências (estilos) e formas de trabalhar um elemento dentro dos diversos manuais e que o mais importante é conduzir objetivamente e criticamente as informações necessárias (enfoques que são valiosíssimos na escolha e ou leitura de um manual, como foi constatado em pesquisa). Tudo isso pautando em algumas normas padrões e habituais de editorias e nas conveniências gramaticais da língua portuguesa.

Destaca-se que, dentro das próprias editorias, as normas propagadas pelos manuais devem ser difundidas para que essas possam ser (mais) norteadoras, evitando a discrepância entre profissionais da mesma empresa (como foi provado que acontece, pelo menos no caso da aplicação de estrangeirismos e siglas). Reafirma-se que as técnicas dadas nos manuais representam o estilo editorial da empresa, sendo assim, é bom que isso fique claro para o profissional, para que ele saiba referendar aquilo que a empresa onde trabalha acredita e ou propaga.

Os manuais não devem se tornar meios delimitadores e de tolir a abrangência do uso do idioma português, nem significar “vigilância” para quem escreve ou símbolo de desvio de conduta para quem lê. Se ação repressora for executada, privilegia-se a obsoleta e desgastada reprodução mecânica de determinações gerais e hierárquicas. Esse processo repressor precisa

ser trocado por um envolvimento e uma compreensão com diversas formas de pensar, materializar e estimular tanto os alunos quanto os profissionais que se pautam na escrita.

O manual deve ser tratado em sala de aula e mostrado que ele ajuda, porém, não pode ser encarado como única ferramenta para auxílio dos alunos. Além de uma coesa interação entre aluno e professor, precisa-se dar autonomia para o estudante, para ele participar, expor os seus pensamentos e dilemas em um processo que ele é a referência. Diante dessas condições favoráveis de atuação, deve-se exigir um sólido conhecimento dos estudantes em tipologia textual, senso gramatical, criatividade, flexibilidade e capacidade para atuar com gabarito e domínio nos diversos segmentos do jornalismo (mídias impressas e virtuais) da contemporaneidade.

Em suma, cada aluno tem que ser único, carregar as suas individualidades e de posse de suas próprias e inerentes características, ele deve torna-se autor e sujeito do seu novo conhecimento, enfim, diante de uma reflexão que desencadeia um diálogo (com os professores) e em uma reelaboração se tem um novo processo de ensino e aprendizagem. Tudo isso, ocorrerá a partir do momento em que o indivíduo internalizar a importância e a significância de sua participação reflexiva para a formação de um novo aprendizado para a sociedade. Enfim, todo processo educacional varia de aluno para aluno e que ele está em constante evolução. Assim, cada pessoa tem o seu tempo e modo para aprender e que esse processo de aprendizagem deve estar inserido na melhor circunstância e relação possível.

Referências bibliográficas

BELTRÃO, L. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp. 1990. 200 p.

BOCCANERA, S. Cientista britânico ataca astrologia em série de TV. **BBC**. São Paulo, 31 ago. 2011. Seção notícias. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/vidae/not_vid34347,0.htm>. Acesso em: 31 ago. 2011.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81.

BRASIL. Presidência da República. **Manual de redação da Presidência da República**. MENDES, G. F. e FORSTER JÚNIOR, N. Jr. (Org.). 2 ed. rev. e atual. Brasília: Presidência da República, 2002.

CARVALHO, O de. **A arte de escrever**, Lição 1: Esqueça o Manual de Redação, 1998. Disponível em: < <http://www.olavodecarvalho.org/textos/manured.htm>>. Acesso em: 31 ago. 2011.

CHUVA alaga trecho da Avenida Paulista. **Estadão online**. São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,chuva-alaga-trecho-da-avenida-paulista-,837394,0.htm>. Acesso em: 17 fev. 2012.

COM nove novos estilistas, Fashion Week começa dia 27 de janeiro. **Folha Online**. São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u30043.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2011.

COMO curar o joelho treinando. **Estadão online**. São Paulo. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/suplementos/2007/not20070320p9559.htm>. Acesso em: 15 ago. 2011.

CONTAINER tomba num dos acessos à Linha Amarela. O globo. São Paulo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/container-tomba-num-dos-acessos-linha-amarela-3026969#ixzz1ml9YcXRc>. Acesso em: 19 fev. 2012.

CONSELHO aperta cerco ao grupo da medicina estética. **Folha Online**. São Paulo. Disponível em: <http://www.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/893835-conselho-aperta-cerco-ao-grupo-da-medicina-estetica.shtml>. Acesso em: 18 fev. 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do português contemporâneo**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

DUARTE, J.; BELTRÃO, L. As múltiplas faces de um pioneiro. In: MARQUES DE MELO, J. **Imprensa Brasileira: personagens que fizeram história**, v. 2. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

FOLHA UOL. **Manual de redação**. Disponível em: [Folha.uol.com.br/folha/circulo/.html](http://folha.uol.com.br/folha/circulo/.html). Acesso em: 17 fev. 2012.

FOLHA ONLINE. <http://www1.folha.uol.com.br/dinheiro/ult91u113325.shtml>. Acesso em: 31 ago. 2011.

FURACÃO x Vasco: primeiro round em Curitiba. **Globoesporte**. Disponível em: <http://video.globoesporte.com/0,GIM714699-7756,00.html>. Acesso em: 25 ago. 2011.

GARCIA; L. **Manual de redação e estilo**. O Globo. 29ª ed. São Paulo: Globo, 2005.

GRADES e contêiner atravessam o caminho no Sambódromo. **O globo**. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/eu-reporter/grades-container-atravessam-caminho-no-sambodromo-3964925#ixzz1ml8fnZU3>. Acesso em: 19 fev. 2012.

LUTADOR de boxe canadense é achado morto em flatem Porto de Galinhas, em Pernambuco **O globo**. São Paulo. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/lutador-de-boxe-canadense-achado-morto-em-flat-em-porto-de-galinhas-em-pernambuco-3201395#ixzz1ml7hcx7U>. Acesso em: 19 fev. 2012.

MARTINS, E. L. F. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo**. 3ª Ed. revista e ampliada. São Paulo: O Estado de São Paulo, 2007.

PRAZO para fazer declaração de isento do IR termina na sexta. **Folha Online**. São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u348853.shtml>>. Acesso em: 14 fev. 2012.

PRESSÃO de artistas fez governo mudar lei para esporte. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,AA1386812-5601,00.html>>. Acesso em: 30 jan. 2012.

PRINCÍPIOS editoriais das Organizações Globo. **G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html#correcao>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

PUBLIFOLHA. **Manual da redação**: Folha de São Paulo. Revista e ampliada. São Paulo, 2006.

SCARTON, G. SMITH, M. M. Manual de redação. Porto Alegre: PUCRS, FALE/GWEB/PROGRAD, 2002. Disponível em: < <http://www.pucrs.br/manualred> >. Acesso em: 12 abr. 2012.